

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Educação: caminho para a mudança?

José Amâncio Filho¹

Em meio às crises políticas e sociais, Freire escreve sobre o sujeito reflexivo e as lutas constantes por ideais de justiça, pensamentos sobre as desigualdades sofridas pelo povo devido às intenções políticas que ainda são fortemente sofridas. Distinções sociais, de oportunidades, de direitos e a formação do “ser mais”, possibilitam a transformação e mudança de olhares sobre a representação do homem em estado concreto de deixar de ser coisa e se humanizar.

Tais intenções negam as vozes populares e causam sujeições e submissões direcionais que condicionam o sujeito às limitações (intransitividade) devido ao sofrimento constante que assombra suas vidas, oprimindo, minimizando e os tornando incapazes de refletirem sobre as reais condições em que vivem, condições sociais, humanas e de opressão que aniquilam as esperanças e os sonhos de busca por melhores condições humanas e valorização como ser vivo e humano.

Freire defende a educação como ação que emancipa e apresenta propostas à formação docente e seu trabalho na perspectiva dialógica, democrática e crítico-reflexiva. Estas efetivam e emancipam, salvam e dignificam os sujeitos sofridos e excluídos, sujeitos esses diretamente oriundos da região nordeste de onde Freire é natural e conviveu com tal sofrimento, e por isso, afirma a importante leitura do mundo, saber entender e compreender para poder transformá-lo.

Acreditando na libertação de todos os homens através da legítima prática educativa, que respeita os sujeitos tanto em seu cotidiano dentro dos espaços educacionais, quanto para além da escola, onde o autor escreveu sobre diagnósticos da realidade nacional identificados desde a década de 1950 em “Educação e Atualidade Brasileira”. Esses diagnósticos, que apontam problemas cujas soluções ainda estão pendentes e que são passíveis de serem sanados, estão sob o olhar sereno e a linguagem de esperança e amorosidade que Freire expressa de forma tão clara em suas obras “Pedagogia do oprimido (1968) e Pedagogia da Esperança (1994)”.

A educação como caminho da libertação promove ao sujeito habilidades que projetam suas ideias e objetivos para uma dimensão espetacular de possibilidades e de encontro como sujeito social. Destaca-se a importância da interação comunicativa e a formação do sujeito consciente e crítico, acerca das questões que permeiam a realidade, podendo assim discutir e questionar sobre as questões que lhe causam incômodo e abertura de olhares para as possibilidades de busca pelo melhor.

¹ Graduando em Pedagogia

Existem políticas que sobrevivem sob a ingenuidade de pessoas que acreditam em promessas irrealizáveis, que na verdade enganam e alienam os pais e as crianças atores do sistema de ensino. Sendo os sujeitos mais importantes nas escolas, as crianças são as que mais sofrem com essa engrenagem que gera lucros incalculáveis e, lamentavelmente, as famílias se contentam apenas em receber menos de uma centena de reais para manterem seus filhos na escola.

Em meio às fortes influências políticas, considero de extrema relevância as críticas do autor ao determinismo, a assistencialização, ao modelo educacional e defesa da importância do diálogo e da comunicação que as políticas e governos devem manter com as instituições e toda comunidade. Freire (1956, p. 22) escreve que: “A liderança se torna difícil na medida mesma em que é plástica e permeável. Em que repete toda posição “ingenuamente” quietista. E exige dos que lideram crescente convivência com o povo e seus problemas, somente a partir de que é possível a tentativa de suas soluções”.

Ponho-me a pensar se não seria melhor se os pais/responsáveis mantivessem seus filhos na escola sobre a perspectiva da formação e do desenvolvimento crítico dialógico, para que possam discernir o que lhes atende e iluminam para a saída desse túnel escuro de manipulação e conformismo. Sobre o olhar que não negue nem neutralize os sujeitos da tomada de consciência, para que não herdem a mesma inexperience democrática com fortes raízes coloniais, que exerce forte influência negativa sobre as pessoas, causando sofrimento, ao invés de mantê-los apenas por algumas dezenas de reais.

Diante de inúmeras modificações de forma globalizada, o sistema de ensino vem sofrendo muitas mudanças que exige uma grande mobilidade na forma de planejar e colocar os currículos em prática. Diante da cibercultura que exige reconfiguração dos sujeitos às novas linguagens e ferramentas tecnológicas, e que, de forma muito forte, marcou essas duas últimas décadas como a era da informação que caminha ainda em passos lentos dentro das instituições alfabetizadoras.

A educação como aliada na transformação dessa realidade opressora, ainda sofre pela falta de políticas públicas que reconheçam e enxerguem as diversidades em todos os sentidos possíveis. Políticas que superem a falta de investimento façam retornar o dinheiro público e que promovam ações provedoras de oportunidades que possibilitem a alfabetização, o aprendizado legítimo e o encontro do homem como sujeito social e historiador capaz de traçar a própria história de forma digna e humana. Concordando com Freire, (1994, p.91), acredito que

fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudanças sem sonho como não há sonho sem esperança.

Referência

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**, 1956. ROMÃO, Eustáquio (Org.). São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.